

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT18.014

VIRGENS SUICIDAS, LITERATURA E REFLEXO SOCIAL: UMA ANÁLISE DOS EFEITOS DOS ESTILOS PARENTAIS NO DESENVOLVIMENTO INFANTO-JUVENIL

LUDWIG FÉLIX MACHADO LEAL

Doutorando em psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ludwig.leal@maisunifacisa.com.br;

KALLIANE KÉZIA RODRIGUES DOS SANTOS

Graduanda do Curso de Psicologia da Unifacisa, kalliane.santos@maisunifacisa.com.br;

YOHANE RIBEIRO DE OLIVEIRA

Graduanda do Curso de Psicologia da Unifacisa, yohane.oliveira@maisunifacisa.com.br;

RESUMO

O trabalho apresenta uma interpretação vinculativa entre o estudo dos estilos parentais desenvolvido e analisado pela psicologia e a literatura como estudo de caso da vinculação destes e suas implicações na vida íntima familiar, através da obra literária *Virgens Suicidas*, de Jeffrey Eugenides. Tendo como parâmetro o caráter qualitativo e a utilização do método descritivo para obtenção dos resultados. Estes, relacionando o romance utilizado como estudo de caso com a análise dos estilos parentais, buscando compreender os fatores determinantes no desenvolvimento emocional e comportamental de crianças e adolescentes quando o crescimento vem permeado pela autoridade e omissão.

Palavras-chave: Psicologia, Literatura, Virgens Suicidas, Parentalidade, Desenvolvimento.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento é definido como um processo constante e ininterrupto da relação entre aspectos físicos, culturais e sociais (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001). Já o estudo do desenvolvimento pela psicologia é responsável por investigar a metamorfose do comportamento humano no decorrer do tempo. O desenvolvimento infanto-juvenil por si só é objeto de muito estudo, já que é na infância que aspectos que podem vir a influenciar durante toda a vida adulta são desenvolvidos.

A relação entre pais e filhos sempre abre margem para muita análise, sabe-se que a criança tende a incorporar em sua autoimagem a crescente compreensão de como os outros a veem (Papalia & Feldman, 2013). Assim como a autoestima construída na infância, por estar relacionada diretamente com a autoimagem, também recebe muita influência das pessoas ao seu redor. Logo, pode-se perceber como a influência externa impacta na concepção que a criança vem a desenvolver sobre si mesma, principalmente daqueles com quem mais convive em seus primeiros anos: seus pais.

A parentalidade é uma das experiências mais desafiadoras e importantes que os seres humanos podem enfrentar. Partindo disso, tem-se como objetivo entender justamente como os estilos parentais podem vir a impactar significativamente no desenvolvimento infanto-juvenil.

O desenvolvimento de uma relação saudável entre pais e filhos torna-se ainda mais crucial para o desenvolvimento da criança a partir da qualidade da educação repassada para ela através do ensino da disciplina, explicado como os métodos utilizados para moldar o caráter das crianças e para ensiná-las a exercer o autocontrole e ter um comportamento aceitável (Papalia, Diane, E. & Ruth D. Feldman, 2013). O que ocorre é que por influência cultural, religiosa, hereditária, social etc. a família pode adotar diversas formas de disciplinar suas crianças, em um estudo pioneiro realizado por Diana Baumrind (1991) foram definidos três tipos principais de estilos parentais, contando inclusive com a descrição de padrões comportamentais que crianças podem vir a desenvolver ao entrar em contato com cada um desses estilos, foram eles: o estilo autoritário, permissivo e o democrático.

Neste artigo foram analisados os impactos comportamentais e psicológicos no desenvolvimento infanto-juvenil, relacionado ao narrado na obra literária *Virgens Suicidas*. A utilização literária como parâmetro analógico garante uma

maior liberdade de aprofundamento em questões delicadas da vida íntima familiar, propiciando uma ponte entre o descrito e o estudo da aplicação prática dos estudos psicológicos que cerceiam o desenvolvimento infantil e seus impactos positivos e negativos na vida da criança e do adolescente. De acordo com Rouanet (1996), a literatura e a filosofia disponibilizam para o conhecimento a realidade das verdades psíquicas, descobertas de forma intuitiva pelo autor por estarem enraizadas no campo do desejo.

O romance *Virgens Suicidas* trata-se de uma obra extremamente bem construída e amarrada narrativamente, trata de temas pouco discutidos em sua época de lançamento, como a violência psicológica no âmbito familiar. A obra ainda reflete com maestria o clima dos anos 70, o ambiente pós-guerra nos Estados Unidos, a rigurosidade religiosa na família assim como um punitivismo exagerado por parte da matriarca, da família retratada na obra, para com suas crianças. Apresentando aos poucos a história dessas crianças que adentram a adolescência sob o olhar vigilante de sua mãe e a consequência que a disciplina imposta tem sobre elas. A finalidade do projeto ao relacionar o romance ao estudo dos estilos parentais é utilizá-lo como um estudo de caso para enriquecer o tema e sua discussão. Buscando compreender como esse crescimento permeado pelo autoritarismo influencia diretamente no desenvolvimento do jovem e quais suas consequências a longo prazo.

O debate acadêmico acerca deste tema é de extrema importância para a psicologia, uma vez que pois tem a finalidade de expandir o conhecimento sobre o assunto de forma a estimular um aprofundamento nos problemas que uma criação punitivista, autoritária ou mesmo omissa pode vir a gerar em suas crianças. Incentivando uma mudança nesse aspecto e estimulando uma educação mais respeitável para com estas.

2. METODOLOGIA

Para esse projeto optou-se pela utilização do método de pesquisa descritivo, visto que, entendendo que o nosso objeto de análise é a parentalidade e seus efeitos no desenvolvimento infanto-juvenil e que este já é um debate conhecido no ramo da psicologia, estaremos apenas limitando o tema ao utilizar a literatura como estudo de caso e padrão analógico, buscando sair um pouco da teoria desses estudos debatidos e partir para uma análise prática de seus efeitos. Acreditando na necessidade de maiores informações sobre o tema assim como delimitando o objeto de

pesquisa para focar na descrição de características dessa parcela da população frente ao tema proposto.

Buscando alcançar tais objetivos, foi utilizado um procedimento inteiramente bibliográfico, buscando informações em obras de autores que se dedicaram ao estudo da parentalidade e desenvolvimento adolescente e infantil, assim como utilizando artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso e outros trabalhos localizados a partir da busca das palavras chaves: “Estilos parentais”, “Virgens suicidas e a psicologia”, “parentalidade autoritária e seus efeitos” via Google Acadêmico no primeiro semestre de 2023.

A análise dos dados adquiridos será realizada qualitativamente. Já que a base da análise proposta pela iniciativa é justamente uma análise literária do tema, sem necessariamente partir para a abordagem prática relacionada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A utilização do livro “Virgens Suicidas” de Jeffrey Eugenides é um exemplo de como a literatura pode ser uma ferramenta para analisar as implicações da parentalidade autoritária e omissa no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Assim, o estudo dos estilos parentais aliado à análise da literatura pode fornecer uma compreensão mais profunda dos efeitos da parentalidade na formação da personalidade e comportamento das crianças, ressaltando a importância de um equilíbrio entre controle e afetividade na criação de filhos saudáveis e felizes.

3.1 ESTILOS PARENTAIS

Nancy Darling e Laurence Steinberg (1993) conceituam estilos parentais como padrões de comportamentos parentais que criam um ambiente emocional específico no relacionamento entre pais e filhos, impactando no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Contudo, é importante distinguir os estilos parentais das práticas parentais, estas se referem às ações e comportamentos específicos dos pais na criação e educação de seus filhos, como a disciplina, nutrição e cuidado em situações específicas

Em resumo, enquanto os estilos parentais se referem a padrões gerais de comportamento parental, as práticas parentais são ações particulares dos pais no dia a dia com seus filhos. No entanto, não existe uma forma unificada de atuar no

desenvolvimento de uma criança e com isso surge a diferenciação entre os estilos parentais, a pioneira nessa definição foi a Diana Baumrind (1991) dividindo os estilos parentais em três tipos básicos: os autoritários, os permissivos e os democráticos e omissivo, conforme exibição na tabela 1 com material extraído da obra de Baumrind

Tabela 1 - Estilos parentais

Estilos parentais	Definição
Estilo autoritário	De acordo com Baumrind (1991), o estilo parental autoritário é aquele em que os pais estabelecem regras e expectativas rígidas para seus filhos, com pouca ou nenhuma flexibilidade ou negociação. Eles são descritos como sendo frequentemente exigentes e críticos em relação ao comportamento dos filhos, valorizando a obediência e a disciplina acima de tudo. Além disso, os pais autoritários podem usar castigos físicos ou verbais para controlar o comportamento dos filhos.
Estilo permissivo	Segundo Baumrind (1991), os pais que adotam o estilo parental democrático estabelecem limites e regras claras para seus filhos, mas também são sensíveis às necessidades e desejos dos filhos. Esse estilo de parentalidade é caracterizado pela busca do equilíbrio entre autoridade e disciplina, por meio do incentivo à independência e autonomia dos filhos, ao mesmo tempo em que estabelecem limites e expectativas realistas. Esses pais são abertos ao diálogo e à negociação com seus filhos, construindo uma relação baseada em confiança e respeito mútuo.
Estilo democrático	Baumrind (1991) define que o estilo parental democrático é caracterizado por pais que estabelecem limites e regras claras para seus filhos, mas também são sensíveis às necessidades e desejos dos filhos. Esses pais buscam equilibrar a autoridade e a disciplina com a abertura e a flexibilidade, incentivando a independência e a autonomia dos filhos, mas estabelecendo limites e expectativas realistas. Eles são abertos ao diálogo e à negociação com seus filhos, criando uma relação de confiança e respeito mútuo.
Estilo omissivo	De acordo com Baumrind (1991) é caracterizado pela falta de envolvimento e responsabilidade dos pais em relação aos seus filhos. Nesse estilo, os pais podem negligenciar as necessidades físicas, emocionais e cognitivas de seus filhos, não estabelecendo limites ou regras claras. Eles podem não ter interesse em participar das atividades de seus filhos e não oferecem suporte emocional ou orientação adequada.

Diversos autores têm pesquisado acerca dos efeitos dos estilos parentais na vida das crianças. Segundo Maccoby e Martin (1983), o estilo parental autoritário pode resultar em crianças com baixa autoestima e falta de confiança, Deborah Lamborn, Nina Mounts, Laurence Steinberg e Sanford Dornbusch (1991) publicaram o estudo *“Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families”* em que definiam as consequências do estilo parental como associado a problemas de ajustamento comportamental e emocional, incluindo depressão, ansiedade e problemas de relacionamento. Por outro lado, o estilo parental permissivo pode levar a crianças

com dificuldades de autorregulação e problemas de comportamento (Darling & Steinberg, 1993), sobre o tema Laurence Steinberg em um outro artigo publicado em 2001 "*We know some things: Parent-adolescent relationships in retrospect and prospect. Journal of Research on Adolescence*" revela que o estilo permissivo pode levar a comportamentos de risco e dificuldades de ajustamento social

Outros estudos também indicam o estilo negligente ou omissivo como possível resultante de problemas emocionais, sociais e cognitivos nas crianças (Lamborn, Mounts, Steinberg, Dornbusch, 1991). Já o estilo parental democrático tem sido associado a crianças com habilidades cognitivas e emocionais mais avançadas e uma boa autoestima (Darling & Steinberg, 1993).

Em síntese, pesquisas sugerem que a parentalidade pode ter um impacto significativo no desenvolvimento e bem-estar das crianças, e que um estilo parental equilibrado e adaptativo pode ter efeitos positivos em longo prazo.

3.2 A LITERATURA COMO PADRÃO ANALÓGICO PARA ESTUDO DE CASO

A utilização da literatura como estudo de caso em produções científicas é uma prática comum em diversas áreas do conhecimento, mas, principalmente naquelas relacionadas às ciências humanas e sociais.

Clifford Geertz, em seu livro "A interpretação das Culturas" (1973), defende o uso da literatura como fonte para a análise cultural, argumenta que "a ficção pode ser vista como um tipo de experimento natural que nos ajuda a entender as possibilidades e limitações da vida humana".

Essa é uma estratégia útil para examinar questões teóricas ou conceituais de forma mais ampla, ou para ilustrar um comportamento, argumento ou ponto de vista de forma mais concreta e acessível aos leitores. Tal estratégia permite a exploração de diversas metodologias e interpretações para o material literário, o que pode propiciar novas descobertas. Ao explorar a narrativa e a estrutura de uma obra literária, torna-se possível analisar questões psicológicas profundas e complexas.

As obras literárias muitas vezes apresentam personagens que lidam com problemas emocionais, psicológicos e sociais, fornecendo material sobre como as pessoas lidam com essas questões em diferentes contextos. Além disso, podem

oferecer um olhar único sobre a natureza humana, explorando temas como identidade, relações interpessoais, desenvolvimento psicológico e trauma (Pennebaker, 2018).

Cumpre-se estabelecer, portanto, a clareza sobre as limitações desse método, reconhecendo que a literatura não é necessariamente representativa da vida real e que as interpretações dos textos podem ser subjetivas e influenciadas por fatores culturais, históricos e pessoais.

3.3 VIRGENS SUICIDAS, INTRODUZINDO O CASO

Antes de atentar-se à construção narrativa faz-se necessário analisar os subterfúgios narrativos utilizados com primor pelo autor Jeffrey Eugenides. A narrativa é apresentada sob o controverso ponto de vista dos vizinhos da família Lisbon, dando ao leitor a difícil tarefa de filtrar e analisar tudo o que as personagens descrevem, ainda mais diante da não oportunidades de as vítimas terem seu local de fala e da posição idealizada a qual o narrador as coloca. As meninas Lisbon são profundamente idealizadas por seus narradores e conseqüentemente abandonadas também por eles.

A obra revela a história das irmãs Lisbon, sendo da mais nova para a mais velha: Cecília Lisbon (13 anos), Lux Lisbon (14 anos), Bonnie Lisbon (15 anos), Mary Lisbon (16 anos) e Therese Lisbon (17 anos). Muito embora a narrativa dos vizinhos seja mais focada e destinada às duas irmãs mais novas. O enredo se passa em 1974, Estados Unidos, e as meninas Lisbon possuem uma condição já muito conhecida em seu bairro, viviam sob os cuidados superprotetores de sua mãe e sob a omissão de seu pai perante os abusos maternos e a todo o resto, eram privadas dos envolvimento com garotos de sua idade e logo no início da obra Cecília Lisbon, a mais nova das irmãs tenta se suicidar. Aumentando os murmúrios quanto a família em questão em todo o bairro e a curiosidade dos narradores em descobrir a causa de tal.

“Cecília, a mais jovem, com apenas treze anos, foi a primeira, cortando os pulsos dentro da banheira como um estoico, e quando a encontraram, flutuando na piscina rosada com os olhos amarelados de uma possuída e o corpinho exalando um cheiro de mulher madura, os paramédicos ficaram tão assustados com sua tranquilidade que congelaram, hipnotizados. Mas então a Sra. Lisbon entrou correndo e gritando no banheiro e a realidade se restabeleceu” (EUGENIDES, 2008)

Cecília consegue ser salva ao chegar ao hospital e após alguns procedimentos de emergência o médico a declarou fora de perigo, é ainda no hospital em que temos o único registro de uma conversa com a garota, a única pessoa ao questionar e não invisibilizar sua dor é o próprio médico que a tratou e então temos a única declaração sobre sua tentativa de suicídio.

“O médico perguntou: O que você está fazendo aqui, meu bem? Você nem tem idade para saber o quanto a vida pode se tornar ruim. E foi então que Cecília forneceu oralmente aquilo que seria sua única forma de bilhete de suicídio, e ainda por cima um bilhete inútil, porque ela sobreviveria: É óbvio, doutor, ela disse, você nunca foi uma menina de treze anos”. (EUGENIDES, 2008)

O início da narrativa já prenuncia o destino das irmãs Lisbon, quando a primeira frase aduz “Na manhã em que a última filha dos Lisbon resolveu que tinha chegado sua hora de se suicidar...” (EUGENIDES), mas seguindo a cronologia dos fatos ainda no hospital Cecília passa por um acompanhamento rápido com um psiquiatra que declara não acreditar que a garota tivesse realmente a intenção de se matar, mas, de pedir socorro. Em seguida afirma que seria interessante reduzir a rigurosidade com as garotas e que acreditava que seria benéfico que pudessem encontrar uma válvula de escape para a garota fora da codificação escolar que permitisse que pudesse interagir com garotos da sua idade.

“Aos treze anos, Cecília deveria ter autorização para usar o tipo de maquiagem que é popular entre as meninas de sua idade, pois, só assim firmará vínculos com elas. Imitar costumes compartilhados pelo grupo é um passo indispensável no processo de individualização”. (EUGENIDES, 2008)

Mesmo após a conversa com o psiquiatra e aos acontecimentos, os pais da Cecília em nenhum momento tiveram uma conversa com a garota, o incidente passou despercebido como se tocar no assunto pudesse causar uma mácula no nome da família, ainda mais sendo o suicídio um pecado abominável diante da rigurosidade religiosa de seus pais.

Embora tivessem feito de tudo para abafar a situação o burburinho já havia sido instalado na região, todos queriam comentar sobre a situação da caçula Lisbon e não faltavam motivos para isso, vizinhas chegavam a comentar que “aquela garota não queria morrer, só queria sair daquela casa” e todos ao entorno pareciam

reconhecer a rigorosidade quase militar ao qual as meninas eram submetidas. O início do livro está, portanto, cheio de indicações e detalhes que indicam a opressão dos pais perante as irmãs Lisbon - todas mulheres.

Seus pais embora não discutam sobre o assunto resolvem seguir a recomendação do psiquiatra e realizam uma festa no porão da casa para que pudessem chamar alguns garotos, desde que com a supervisão constante deles. É o único momento em que os narradores estão inteiramente presentes no acontecimento narrado e mesmo assim seu foco é claramente apropriado a um adolescente na puberdade. Nessa festa Cecília mostra claros sinais de desconforto, usava um antigo vestido de noiva com o qual era sempre avistada e passou boa parte da comemoração isolada até pedir para ir ao quarto. Os meninos enfatizam o quanto sua voz soava velha e cansada enquanto sua mãe a libera, não sem antes tentar conduzi-la a um estado de culpa.

“Se é isso mesmo que você quer, Cecília. Mas tivemos um trabalhão para dar uma festa para você”. (EUGENIDES, 2008)

Faz-se importante ressaltar como em nenhum momento foi questionado ou garantido autonomia para a Cecília informar o que queria, seguiu-se apenas recomendações do psiquiatra, em nenhum momento tendo questionado diretamente a sua caçula sobre o que aconteceu ou o que poderia ser feito. Assim, após receber liberação escutaram seus passos subindo para o quarto no andar de cima, trinta segundos depois escutaram o som úmido do corpo de Cecília caindo sobre a cerca que rodeava a casa.

O desenrolar de toda a obra ocorre após a morte de Cecília, os narradores se propõem a investigar o motivo pelo qual uma garota de 13 anos poderia se suicidar. Em diversas passagens da obra fica evidente o quão idealizavam as meninas Lisbon mesmo antes do fatídico acontecimento. Um dos rapazes informa ter acesso a casa das meninas por uma passagem secreta, diz ter encontrado a Cecília na banheira muito antes de seus pais, claro que não esperava encontrar a cena, mas, abrimos para uma análise sobre o que esperava fazer invadindo o banheiro das meninas. Em uma outra ocasião, quando o pai das Lisbon convida um rapaz para o jantar, este se aproveita da recepção familiar para ir novamente ao banheiro das garotas e revirar seus segredos e objetos pessoais. Nota-se, portanto, o quanto essas meninas eram exploradas, seja pelos seus pais em uma idealização morosa do sagrado religioso,

seja com os rapazes de sua idade que mesmo diante de todas as dificuldades encontravam formas de incomodá-las e se aproveitarem de momentos de fraqueza.

Assim, nem mesmo uma tragédia como o suicídio de uma delas, desperta nada além de curiosidade sobre o ideário feminino que eles criaram para as garotas da casa a frente. Nenhuma compaixão perpassa, para além de satisfazer o próprio desejo do narrador, e assim segue-se uma premissa de investigação idealizada quanto às vítimas narradas, sem em nenhum momento pensar-se em interceder diante do sofrimento e inúmeros pedidos de socorros indiretamente solicitados.

Com a morte de Cecília a família recebeu algumas visitas de condolência e de curiosos, a mãe das meninas havia se trancado em seu quarto enquanto seu pai não saía de frente da televisão e assim, as meninas Lisbon estavam sozinhas, entregues a um sentimento que ainda nem compreendiam direito e deixadas de lado durante o processo. O padre tentou visitar a família durante esse período, não conseguiu arrancar uma única frase coerente do Senhor Lisbon e descreveu a casa como praticamente abandonada, assim como as meninas, descreveu sujeira, lanches jogados pela casa, roupas lavadas no banheiro pelas próprias meninas, o Padre descreveu a casa como uma “mistura de casa funerária com armário de vassouras”

Nesse momento o padre tentou uma conversa direta com as meninas, diz ter jogado a isca para falarem sobre o assunto, mas que não morderam a isca, notava que haviam chorado e estavam todas juntas em um quarto como em uma festa do pijama, o único consolo que encontraram foram nelas mesmas.

O movimento da vizinhança foi retirar as grades de ferro na qual Cecília havia caído, passaram horas realizando tal empreitada para assim sentirem-se melhor. É importante destacar que esse foi o único movimento prático que os vizinhos realizaram diante do sofrimento da família antes e após o primeiro suicídio.

Com a morte de Cecília a mãe das meninas assumiu um tom ainda mais rigoroso, elas só saíam para a escola e era lá seu único momento de liberdade, exceto pelo fato que seu pai trabalhava lá como professor de matemática, mas diante de sua omissão, quase não o enxergavam e ele quase não as enxergava. Lux ganhou todo o foco dos meninos, sempre havia sido famosa pela rebeldia e pelos rapazes, atraiu para si ainda mais atenção por isso. Uma garota de 14 anos, sem atenção paterna e sob os olhares rígidos de sua mãe, procurou atenção dos rapazes para compensar todas as suas faltas familiares.

Alguns meses se passaram até um princípio de normalidade recair sobre a família novamente, um dos rapazes se esforçava para levar Lux ao baile do colégio,

baile ao qual nenhuma das outras já havia tido permissão para participar, mas, que diante da solicitação do pai das meninas que foi convencido pelo rapaz a mãe liberou-as para irem ao baile. Note-se que nas raras ocasiões em que o pai toma a frente de algo a mãe normalmente acata, como na base de uma família religiosa de fato, mas, diante das inúmeras omissões dele, normalmente cabia a ela o papel de tomar todas as decisões.

Foi após esse baile que as coisas começaram a piorar, Lux perde a hora para voltar para casa e como consequência todas as meninas são encarceradas em casa. Haviam perdido o direito de frequentar a escola, a mãe havia retomado ao torpor em que a morte de Cecília a colocara e além de acessos de controle e repressão, normalmente assumia também uma postura extremamente omissa para com suas filhas. Foi nesse período em que os narradores avistaram Lux trazendo homens para a casa durante a madrugada, ocasião em que mantinha relação sexual com eles no telhado de sua casa.

Seus vizinhos, e nossos narradores eram os únicos que sabiam sobre isso e em vez de assumir um comportamento de preocupação para com o fato de tais relações, eles se revezaram para espionar Lux em seus momentos de maior fragilidade. Muito tempo se passou dessa forma, nenhum dos vizinhos pareciam querer interferir na rigurosidade daquela família, assim como a escola não toma medidas efetivas para que retornem, ninguém demonstra a mais remota preocupação para com o estado físico e mental do encarceramento das garotas.

A casa já assumia maiores traços de abandono, refletindo o estado de suas moradoras, simplesmente haviam sido abandonadas à própria sorte pelo estado e pela sua comunidade. Para além da descrição do padre ainda na primeira visita logo após o suicídio de Cecília, a casa apresenta uma aparência ainda mais fétida e abandonada, as meninas já assumiam magreza e já não costumavam nem mesmo sair em seu quintal, incentivando a premissa de que já estavam completamente entregues ao descaso e a tristeza de suas condições. O encarcerado refletia o aspecto de sua prisão.

Em determinado momento são as meninas a procurarem ajuda com seus vizinhos, já que estes embora possuíssem muito interesse em vigiar cada passo de suas vidas, jamais havia imaginado interferir no triste curso que ela havia tomado, mas é na noite em que os meninos planejam fugir com elas que as encontram mortas em casa. Todas sem exceção haviam se suicidado, não havia mais perspectiva fora daquela casa, não sabiam interagir com o mundo, viviam de sonhos

e se alimentavam deles, mas nem sempre sonhos eram suficientes para manter a esperança diante de tanto descaso.

3.4 DISCUSSÃO - RELACIONANDO O CASO AO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

Virgens Suicidas é um retrato cru de uma vida permeada pelo descaso. A obra reflete em tom realista as consequências drásticas que uma criação autoritária e omissa pode vir a gerar em crianças e adolescentes, as meninas retratadas não tinham direito nem mesmo a exercer sua individualidade, eram propriedades de sua mãe e “objetos” para os narradores, nunca foram ouvidas, não houve papel de destaque para elas nem mesmo no livro que as retrata.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, surge para assegurar os direitos básicos a essa minoria pouco representada, no artigo 4º garante como dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar o direito à vida, saúde, alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Assim como o artigo 5º garante que nenhuma criança ou adolescente pode ser objeto de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Assim, quando não é garantido o direito das meninas Lisbon a muitos desses direitos estabelecidos em Estatuto, assim como todos os responsáveis por assegurá-los (família, comunidade, sociedade e poder público) foram omissos para com o seu sofrimento, caberia a punição prevista em lei.

É importante destacar, que embora o estudo de caso tenha ocorrido com uma obra fictícia, isso não exclui de forma alguma as milhares de meninas Lisbon espalhadas pelo país que precisam desse olhar crítico e atuação firme para garantir seus direitos estabelecidos.

3.5 DISCUSSÃO - RELACIONANDO O CASO AO ESTUDO DOS ESTILOS PARENTAIS

Em uma retomada ao estudo de caso utilizado como sendo a obra de Jeffrey Eugenides, temos uma história sobre cinco irmãos adolescentes que cometem suicídio no período de um ano.

A narrativa demonstra uma família que se enquadra em diferentes estilos parentais, sendo eles o autoritário e o omissivo cujas consequências são evidenciadas ao longo da trama.

Cabe retornar aos conceitos de tais estilos a fim de elucidar o ponto em questão. O estilo autoritário é aquele caracterizado por uma abordagem mais inflexível, impositiva e coercitiva dos pais em relação aos filhos. Na obra, a mãe das meninas é aquela que exerce tal poder coercitivo sobre elas, é retratada como uma mulher austera e rígida que estabelece milhares de regras e tenta a todo custo controlar suas filhas, inibindo-as até mesmo de desenvolver suas individualidades caso não sejam de seu agrado, como no caso de Lux e suas músicas de rock, na cena em que queima seus discos como castigo. É descrita como distante e possui pouca relação afetiva para com as meninas, e não as vê como indivíduos com vontades e necessidades próprias.

Tal abordagem autoritária por parte da figura materna, pode vir a ter contribuído para a sensação de aprisionamento e opressão que as irmãs sentiam. A literatura psicológica tem relacionado o estilo parental autoritário com problemas emocionais, comportamentais, baixa autoestima, ansiedade, depressão e comportamentos de risco.

Já o estilo omissivo vem a ser caracterizado pela falta de envolvimento e supervisão dos pais em relação aos filhos. Na obra utilizada é o pai das meninas a ser retratado dessa forma, uma figura ausente e apática, que não demonstra interesse na relação com as filhas e ao não estabelecer regras e limites, acaba deixando tudo a cargo da educação autoritária de sua mãe. Essa falta de orientação e supervisão contribuiu na criação de uma vulnerabilidade nas garotas, deixando-as suscetíveis a influências negativas no ambiente externo, como Lux e sua hipersexualização.

A literatura psicológica também relaciona o estilo parental omissivo aos problemas de desenvolvimento emocional e comportamental, incluindo dificuldade em estabelecer relacionamentos saudáveis, comportamentos de risco e até transtornos alimentares.

Em "Virgens Suicidas", é possível perceber que a combinação desses estilos parentais pode vir a ter contribuído para com o desenvolvimento de problemas emocionais e comportamentais nas garotas Lisbon, levando-as a buscar o suicídio como uma forma de escape de suas angústias. A obra nos propicia uma reflexão acerca da importância da orientação e supervisão positiva dos pais na formação

emocional de seus filhos, assim como o impacto negativo que a falta desses elementos pode vir a ter na vida dos indivíduos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A parentalidade é fundamental para o desenvolvimento infanto-juvenil, influenciando o comportamento, a personalidade e a saúde mental das crianças e adolescentes. Os efeitos da parentalidade podem ser positivos ou negativos, dependendo do tipo de relacionamento estabelecido entre os pais e as crianças, do nível de envolvimento dos pais na vida dos filhos, da qualidade da comunicação e do apoio emocional oferecido.

Uma parentalidade positiva, baseada no amor, cuidado, respeito e apoio emocional, pode levar a crianças mais saudáveis e felizes, com maior autoestima, autoconfiança e habilidades sociais. Já uma parentalidade negativa, marcada por conflitos, negligência, abuso ou falta de apoio emocional, pode ter efeitos negativos sobre a saúde mental e emocional das crianças, levando a problemas como ansiedade, depressão, comportamentos agressivos, baixa autoestima e dificuldades de relacionamento.

Em detrimento, o livro “Virgens Suicidas”, apresenta diferentes estilos parentais e mostra como cada um deles pode afetar o desenvolvimento emocional e comportamental dos filhos. A superproteção da mãe, por exemplo, levou as filhas a se sentirem sufocadas e sem autonomia, o que acabou gerando sentimentos de angústia e isolamento. Já a negligência do pai deixou as filhas desamparadas e sem referências masculinas positivas, o que acabou contribuindo para a depressão e a falta de autoestima.

Em suma, “Virgens Suicidas” é uma obra que reflete a sociedade em que se passa a história, mostrando como as relações familiares e as pressões sociais afetam o desenvolvimento infanto-juvenil.

Assim, é importante que os pais estejam cientes do papel crucial que exercem no desenvolvimento de seus filhos, e caso surjam dificuldades ou sofram de problemas como depressão, ansiedade ou estresse, que podem afetar sua capacidade de serem pais efetivos e saudáveis, busquem ajuda profissional para que haja uma educação de qualidade para seus filhos.

REFERÊNCIAS

BAUMRIND, D. Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. **Genetic Psychology Monographs**, v. 75, n. 1, p. 43-88, 1967.

BAUMRIND, D. The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. **Journal of Early Adolescence**, v. 11, n. 1, p. 56-95, 1991.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 13a Ed. 2001.

DARLING, N.; STEINBERG, L. Parenting style as context: An integrative model. **Psychological Bulletin**, v. 11, n. 3, p. 487-496, 1993. Doi: <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>

EUGENIDES, J. **As Virgens Suicidas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2008.

LAMBORN, S. D.; MOUNTS, N. S.; STEINBERG, L.; DORNBUSCH, S. M. Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. **Child development**, v. 62, n. 5, p. 1049-1065, 1991.

MACCOBY, E. E.; MARTIN, J. A. Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. H. Mussen; E. M. Hetherington (Eds.), **Handbook of child psychology: Vol. 4**, 4th ed: Wiley. 1983. pp. 1-101

Papalia, D.; Ruth, D. F. **Desenvolvimento Humano**. Grupo A, 2013.

PENNEBAKER, J. W. **Writing to Heal: A Guided Journal for Recovering from Trauma Emotional Upheaval**. Nova York: New Harbinger Publications, 2018.

ROUANET, S. P. "Filósofos e escritores alemães". In: PERESTRELLO, Marialzira (org). **A formação cultural de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.215-227.

STEINBERG, L. We know some things: Parent-adolescent relationships in retrospect and prospect. **Journal of Research on Adolescence**, v. 11, n. 1, p. 1-19, 2001.